
NOSSA NOTAÇÃO m' NA PROVA DE RORSCHACH:
AMPLIAÇÃO E RESTRIÇÃO DO FATOR m DE KLOPFER

ANÍBAL SILVEIRA *

O psicodiagnóstico de Rorschach constitui até hoje o instrumento mais preciso e mais versátil para estudar a personalidade humana. Entretanto, como qualquer outro aparelho de precisão, os resultados que fornece variam em função da técnica de quem o aplica e da objetividade que empenha nesse labor.

Técnica, no caso, subentende competência profissional e conhecimento não só da teoria da personalidade mas também da psicopatologia. Sòmente o psicólogo versado nesses dois campos poderá extrair do psicograma todo o cabedal de informações sôbre a vida mental do examinando, de que a prova é capaz. Efetivamente, o que o protocolo de Rorschach põe em evidência são os dinamismos psíquicos, normais ou desviados, que o examinando utiliza em cada momento da pesquisa. Será necessário interpretá-los de per si e em conjunto para daí surgir a síntese que descreva as condições peculiares ao probando: é fácil compreender que sem o recurso da psicologia e da psicopatologia tal reconstrução seria impossível ou, pelo menos, inexpressiva.

Tornar objetiva a prova significa recorrer a normas estáveis e seguras para a classificação prévia dos dados a registrar, para a avaliação das diferentes variáveis que apareçam em cada protocolo e para reuni-las em um arcabouço impessoal. Significa utilização do critério estatístico, donde a previsão de um psicograma da população média, em função do qual se avalia o protocolo concreto em estudo. Significa, portanto, reduzir ao mínimo o coeficiente pessoal do examinador. Foi com semelhante critério, de pesquisa incessante e de aferição em termos de frequência estatística, que Rorschach criou êsse método inigualável.

Comunicação ao 1.º Simpósio, Asociación Latinoamericana de Rorschach (Montevideo, 7-11-1967). Ampliada, nesta versão, com as notas introdutórias.

Departamento de Psiquiatria, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas: * Professor de Psiquiatria Clínica e Chefe do Departamento.

Para confrontar o psicograma em estudo com a expectativa para a população média, há o recurso — fundamental e instituído pelo próprio Rorschach — de traduzir cada um dos elementos principais da resposta às manchas por um símbolo ou por uma abreviatura. Tais elementos são a *modalidade* segundo a qual a resposta abrange a prancha, o *determinante* psicológico, o *conteúdo* explícito ou conceito, e, em condições particulares, a *frequência* deste conceito no protocolo do adulto médio. Vale dizer que cada resposta se reduz a uma unidade complexa de pelo menos três ou quatro abreviaturas. A maneira de se articularem, no conjunto do registro, êsses componentes aferidos estatisticamente, varia de examinando a examinando: constitui o ponto central, na análise do psicograma. Porém essa análise não pode restringir-se à configuração do registro assim obtido: “No psicodiagnóstico o esforço interpretativo seria estéril se apenas se limitasse a descrever os caracteres estáticos da personalidade em estudo. O fundamental aí consiste — como demonstrou o genial criador da prova — em estabelecer com quais disposições estruturais conta o examinando nas interações cotidianas, e de que maneira recorre ao cabedal subjetivo de que dispõe”²³.

Tratado com essa intenção o Rorschach revela numerosas peculiaridades do mundo subjetivo. Lembremos apenas algumas: as disposições afetivas habituais do probando, o grau de estabilidade do humor, o modo de reagir nas relações interpessoais; o estado emotivo habitual, quer em situações neutras, quer sob pressão do ambiente; a capacidade de agir em diferentes circunstâncias, o grau de autonomia ao tomar decisões, ou então a dependência para com outrem, ou ainda a impulsividade; o nível de amadurecimento intelectual, seja como qualidades intrínsecas e como assimilação das normas culturais, seja ante as diversas solicitações do momento; a capacidade de planejamento e de autoafirmação, ou a interferência de fantasias não conscientes, no relacionamento social; e, ainda, a tolerância ou a reação às limitações impostas pela vida em comum, e a versatilidade ou a rigidez no trato com a realidade. Além das condições psíquicas manifestas, podem apreender-se capacidades conservadas em latência no desempenho cotidiano, o que permite prever de que modo o examinando agirá em determinadas circunstâncias excepcionais. E, no caso de desvios, leves ou graves, para com a norma, é exequível evidenciar quais os dinamismos psicológicos que os estejam produzindo.

Com efeito, o exame pelo método de Rorschach permite obter a respeito do probando tal abundância de dados, que ultrapassa em alcance e em profundidade a entrevista psicológica; e não raro, a soma de informações que pode produzir equivale à de uma série de sessões psicanalíticas.

Para êste efeito, a área principal do psicograma são os determinantes psicológicos das respostas. Dentre êles sobreleva aquêle que Rorschach denominou “movimento”, hoje especificado como “movimento humano”, e em geral simbolizado por *M* na classificação em línguas neolatinas. Nesse fator psicodiagnóstico o indivíduo exprime, embora não intencionalmente, as preocupações que lhe envolvem a mente em condições habituais. Com maior ou menor nitidez se refletem assim aspirações, devaneios, a consideração de si próprio, a necessidade de agir refletidamente, os momentos de autoafirmação. Mais

importante que isso, a interpretação de “movimento” nas manchas enseja revelar-se toda uma série de estados subjetivos, dos quais o examinando não tem consciência. Dessa maneira, semelhante categoria psicodiagnóstica assume o mesmo valor que o sonho na psicanálise: e com a vantagem de que não exige mais de uma sessão nem depende de o examinador conhecer o analisando. Piotrowski acentuou com muita pertinência a analogia e a distinção entre sonhos e respostas *M*¹⁹.

Devido ao extraordinário valor psicodiagnóstico do fater “movimento” Rorschach o pesquisou amplamente, emprestando significado diverso conforme a direção do deslocamento projetado na mancha — centrífuga ou centrípeta em relação ao eixo da prancha ou, conforme o tipo da cinestesia, em extensão ou em flexão. Para admiti-lo como tal, estabeleceu três requisitos: 1) que a mancha correspondente seja interpretada como figura humana ou antropóide; 2) que a sensação de movimento acompanhe a referida interpretação; 3) que tal sensação não tenha sido sugerida.

“Pode valer como regra, que só se acham em causa cinestésias quando são vistas figuras humanas e, fora disso, muita vez, quando são animais dotados de movimentos semelhantes aos do homem (ursos, macacos).

“Porém nem sempre quando pessoas são mencionadas se trata de resposta *M* (*B* no original). A questão é pois: Teve o movimento que foi referido uma *participação primária* na determinação da resposta? Trata-se efetivamente da *sansação de movimento*, não de apreensão de uma forma, a qual só secundariamente foi interpretada como se movendo?” ... “Probandos inteligentes podem dizer com relativa segurança, na maioria das vezes, se cinestésias concorreram ou não para a resposta; apenas, nunca devem ser interrogados a respeito durante a prova, mas sempre somente após o término dela. Caso contrário, daí por diante a atenção seria dirigida demais para os momentos cinestéticos” (*a*, págs. 26-27; grifos no original)²⁰.

Essa exigência, que é fundamental na prova de Rorschach, foi invariavelmente observada por todos os especialistas até há 20 anos aproximadamente, quando se difundiram as concepções de Klopfer¹¹ sobre a notação de “movimento”. A partir daí passaram a adotar-lhe a divisão de movimento em “humano”, “de animal não antropóide” e “de objeto inanimado”. Facilizamos nesta comunicação a última destas categorias e desejamos frisar que a escala de fatores na qual se integra é perfeitamente defensável à luz da psicologia genética. Ademais, quem ler com atenção o texto do Psychodiagnostik ficará convencido de que o próprio Rorschach ampliaria a aceção de “movimento”, subdividindo o determinante. Há indicações mais convincentes ainda na publicação póstuma efetuada em 1923 por Oberholzer da conferência que Rorschach — falecido súbitamente a 2 de abril de 1922 — pronunciara havia algumas semanas perante a Schweizerische Gesellschaft für Psychoanalyse. Morgenthaler a anexou ao texto do Psicodiagnóstico desde a 2.^a edição²⁰, de 1932. São desta edição os trechos que adiante traduzimos, incluindo porém algumas explicações que nos parecem indispensáveis. Sem elas, algumas considerações de Rorschach parecem feitas em tese, quando na realidade valiam

especificamente para um paciente de Oberholzer cujo psicograma foi aí interpretado. Tal particularidade escapou no momento a Oberholzer, pois do contrário aporia notas em rodapé, como fez em outros passos. O texto póstrumo da conferência — “Avaliação da pesquisa de interpretação de fórmulas” — foi incluído intacto no final do Psicodiagnóstico e, naturalmente, passou assim para as traduções sucessivas em inglês, francês, espanhol e português.

* * * *

Nessa exposição, ao transcrever o protocolo da pesquisa, Rorschach fez notar que algumas respostas não podiam ser reduzidas a fórmulas (*a*, págs. 197-198, 223; *b*, págs. 210-211, 245; *c*, págs. 190-191, 215)²⁰. Todavia, pouco adiante, ao redigir o psicograma — no inciso “Achados e análise” — estabeleceu claramente que era de natureza cinestética o fator associativo que determinara aquelas respostas, tôdas de conteúdo abstrato:

“Nessas interpretações abstratas está sempre em jôgo a relação entre a linha mediana e as porções laterais circunjacentes: ‘a linha do meio, à qual tudo se apega’ e assim por diante. Se considerarmos nessa expressão ‘apegar-se’ o *codeterminante cinestético*, a linha mediana — a qual atrai a atenção do probando com uma espécie de poderio mágico — será o que ativamente se apega ao que a circunda, ou serão as porções laterais que a ela se apegam ativamente? A distinção aí é fácil, porque nenhuma interpretação cinestética foi atribuída à porção central, ao contrário do que ocorreu nas partes laterais, e porque estas autênticas cinestésias, ‘os clowns’, ‘os dandies’, ‘os homenzinhos que seguram o vermelho’, tôdas revelam movimento dirigido para o centro (*a*, pág. 223; as aspas e os grifos são desta tradução)”.

Na fase de anotação do protocolo, não havia ainda definido tal cinestesia, mesmo como determinante associado; mas assinalara já precisamente que não se tratava de mero comentário. Com isso deixara incompleta a estrutura das respostas a que aí se reportou:

“Prancha III ... 2. ‘Como se a coisa vermelha do centro fosse uma força que repele a ambos entre si ou impede que se reünam’: interpretação que somente como *D f abstração* pode ser apurada.”

“Prancha IV ... ‘Ao todo, impressão de poderio, no centro, ao qual tudo se atém’: novamente, interpretação que não se pode reduzir a fórmula. (*a*, 197)”.

“Prancha VI ... “3. ‘Não vejo nada além disso — mas notável essa linha branca no meio, a linha de forças, à qual tudo se atém’: outra vez, resposta meio descritiva, meio abstrata, dessas que não se podem reduzir a notações e que, habitualmente, não são tão freqüentes [no mesmo protocolo]” (*a*, 198. Nossos o grifo e a explicação entre colchetes).

Queremos acentuar que nesses comentários o que Rorschach põe em relevo é o tipo peculiar de sensação cinestética, não o fato de estar em causa a linha mediana da prancha. E que, ademais, ambos coincidiram em um examinando que estava sob psicanálise, cujo decurso Rorschach comparou com o psicograma. Isto porém não autoriza a estabelecer *a priori*, como faz Bohm⁵ (págs. 201-208), “respostas-complexo”. Com relação a êsse modo

particular de cinestesia, foram inteiramente confirmadas pelo desenrolar da psicanálise procedida por Oberholzer as conclusões nêle calçadas. Se Rorschach não o definiu, foi seguramente porque a morte o impediu. Portanto, não poderia ter escapado ao genial criador do psicodiagnóstico o alcance excepcional desse fator associativo. Por certo já o tinha encontrado, pois na frase que há pouco citamos diz não ser habitual surgir tantas vezes no mesmo protocolo. E mesmo antes de ultimar a primeira edição do texto já se havia defrontado com êle, como adiante veremos.

Coube a Klopfer traduzir em notação a necessidade de se diferenciar em escala o fator "cinestesia", até aí registrado como único, desmembrando dêle a projeção de movimento em animal não antropóide e em seres abstratos ou inanimados. Tomaremos como tópico para a presente discussão apenas esta última variedade. Em geral, todos os autores aceitam a diversificação estabelecida por Klopfer¹¹⁻¹³, exceção feita a Monnier, cuja segunda revisão¹⁶ apareceu quase ao mesmo tempo que a dêle, e a Beck³ e Bohm⁵, que a rejeitam decididamente. Parece-nos que êstes dois insígnos cultores do método de Rorschach, ao oporem àquela inovação as restrições, aliás pertinentes, confundem dois aspectos diversos no sistema de Klopfer: a modificação do conceito e a falta de rigor na apuração. Convém notar, ainda uma vez, que Rorschach reconhecera a viabilidade de registrar "movimento" em seres não antropóides:

"Há probandos que conseguem sentir cinesteticamente não só pessoas e animais antropóides, senão também animais de tôdas as espécies, plantas, até mesmo figuras geométricas e linhas isoladas. Mas nesse caso não é difícil definir aí "movimento" (die Bestimmung der B) porque quase sempre são pessoas auto-observadoras e que podem mesmo fornecer os necessários esclarecimentos" (pág. 27, *a*; 14, *b*; 30, *c*).

Acreditamos que êsse desdobramento devido a Klopfer e colaboradores trouxe relevante aperfeiçoamento para a utilização da prova, efetuando nessa direção um passo que seguramente o próprio Rorschach daria. Ademais, duas ordens de consideração atestam a validade de tal desmembramento: os fatores em causa se modificam no decorrer do amadurecimento psicológico, como se apreende em estudos com crianças^{2, 4, 9, 10, 15}, e são acessíveis à influência da psicoterapia, conforme é possível verificar até em um exemplo do Psychodiagnostik (n.º 12, págs. 154-155, *a*; 145-146, *c*)²⁰.

Pessoalmente, adotamos a escala de Klopfer desde 1943²¹⁻²³, principalmente, a seguir, com a penetrante redefinição de Piotrowski¹⁷⁻¹⁹, divergindo embora desses autores quanto à notação dos determinantes e, em parte, no tocante ao critério de apuração^{22, 23}. Quanto ao primeiro aspecto, não usamos o símbolo *FM* para "movimento de animal não antropóide". De um lado, não vemos aí associação entre "fôrma" e "movimento humano": ocorre o mesmo fenômeno que com "movimento humano", *M*, no qual a fôrma é subentendida. De outro, porque tal fator aparece com menor freqüência que *M*, no adulto, empregamos para êle o símbolo *m*. Para o determinante *m* de Klopfer e de Piotrowski utilizamos *m'*^{22, 23}. Nossa escala de fatores "movi-

mento" diverge, assim, da de Klopfer e dos demais autores, já pelos símbolos que a exprimem. Além disso, deixamos de lado as subdivisões Fm e mF , como também o fazemos Alcock¹, Ames e col.², Beizmann⁴, Endara⁸, Ford⁹, Meili-Dworetzki¹⁵, Piotrowski¹⁷⁻¹⁹, Sousa²⁴, entre outros; ou Endara⁷ e Carqueira⁶ que, embora as mencionem, não as utilizam no texto.

Há outro motivo para nossa série "movimento" diferir da que é seguida nos demais sistemas. E esse é o principal, pois a notação decorre dele, ou apenas o reflete. É que classificamos os diferentes determinantes aí considerados — como caso particular de todas as categorias —, pelo prisma da objetividade, isto é, da frequência com que ocorre em protocolos da população adulta média.

A maneira mais comum, portanto mais amadurecida, de reagir à cinesesia é projetá-la em figura humana ou antropóide. A evocação cinética de animal não antropóide, pelo fato de se relacionar com os períodos iniciais da moldagem da personalidade, só emerge para o adulto ante o estímulo da realidade quando este assume maior tensão emocional: daí a menor frequência do fator correspondente na prova de Rorschach. Finalmente, o modo mais subjetivo de utilizar tais experiências consiste em revivê-las sob a forma de intenções, de impedimento, de incapacidade, ou em emprestar-lhes poderio só admissível na fase pré-lógica do pensamento humano. Daí nossa proposição das notações M , m e m' , em gradação que apresentamos no Quadro 1, tomado de outra publicação²².

Setôres:	Inteligência		Conação	Afetividade	
	Contacto com a realidade	Capacidade intrínseca	Atividade no meio externo	Nível intrínseco	Contacto emocional
Categorias:	Perspectiva	Movimento	Forma	Côr	Luminosidade
Níveis					
3	ps'	m'	F	CF	l'
2	ps	m	F-	C	l
1	Ps	M	F+	FC	L, C'

Quadro 1 — Seiôres da personalidade e disposições funcionais que os fatores aferem²². Níveis dos determinantes em cada escala: 1 — pleno contacto com a realidade objetiva (modo estatisticamente mais freqüente, na população média); 2 — menor subordinação ao estímulo ambiente (freqüência ainda aférvel estatisticamente); 3 — predomínio do polo subjetivo (reação muito pessoal ao estímulo). Perspectiva corresponde aproximadamente à série FV , VF , V , de Beck³; Luminosidade, em geral, inclui a escala FHd , HdF , Hd , de Binder, e algumas variantes de Klopfer^{11, 13}; C' equivale a FC' e $C'F$ de Klopfer, salvo o critério para apurar, em que diferimos, em todos os casos, desses vários autores.

Retomando a categoria *m*, isolada em 1936, Klopfer e Kelley¹¹ reuniram várias instâncias de movimento não efetuado por seres vivos, sob o termo geral de “movimentos menores”: “fôrças naturais — gravidade, correntes de ar, explosões — ou poderes em abstrato, mágicos ou misteriosos” (*b*, pág. 102). Incluíram nesse item não só “fôrças naturais” — chamas, fumo, lavas, água, rochas — que se fragmentam, e “fôrças abstratas” que “parecem converter os seres vivos em objetos de fôrças naturais”, mas também “descrições expressivas” — grotescas, ameaçadoras — e ainda termos dinâmicos ambíguos, tais “pendurado”, “estendido”, “pregado”. Para traduzir na apuração essa enorme quantidade de situações das respostas, diversificaram o grupo como *m*, sem fôrma, e como *Fm* e *mF*, dando a cada categoria, ademais, o valor de determinante primário ou de elemento adicional.

Tal difusão de conceito pareceu-nos retirar do método de Rorschach o rigor interpretativo que o caracteriza, conforme temos procurado mostrar desde 1945; e encontramos em Piotrowski¹⁸⁻¹⁹ considerações muito judiciosas a respeito do problema, que reforçam nosso modo de ver.

Além dessa diluição do valor diagnóstico, merece restrição, em nosso entender, a frouxidão de conceito para classificação na categoria *m*. Assim, no volume publicado em 1954¹² o inciso “3. *m*, ou movimento inanimado: Diferenciação entre *Fm*, *mF* e *m'*” (págs. 114-125) traz, como exemplo de apuração, respostas às quais, em nossa opinião, não caberiam as classificações aí registradas. Apenas alguns espécimes, para justificar esta restrição:

“Prancha III (P 2*): “As coisas vermelhas do lado são flôres. Flôres em um saco”. Respostas do inquérito: “(... flôres vermelhas?) Não. Mas é uma flôr carnuda, de estufa quente. Aspecto de coisa gorda (...) São a fôrma e os sombreados que fazem isso parecer úmido e pesado” — Determinantes: *Fc*, *m'* — “Prancha VIII (P 1): “Dois animais grimpadores, em pé”. Do inquérito: “Quatro patas, pêlo, a fôrma geral do corpo. Estão em pé, embora quase caindo para traz. Não agarraram bem a estrutura. São um tipo de recedor. Animal de pêlo (...) A textura” — Determinantes: *Fm*, *m*, *Fc* — Prancha I (P 5): “Aqui é o dedo em riste” — Do inquérito: “(... pertencente a alguém?) Não, só um dedo, espécie de símbolo. O dedo em riste, apontando para o seu lado [do examinador]” — Determinante: *Fm* — Prancha IX (P 3): “Um mágico, Merlin ou Moisés, fazendo milagres perante o Rei Faraó. Um abraço esticado para o rei, outro apontando para o milagre”. Inquérito: “Aqui no alaranjado. Os raios que saem do braço dêle indicam poderio mágico” — Determinantes: *M*, *m* (págs. 120-123. Parênteses e colchete nossos, bem como a indicação numérica dos pormenores. Determinantes do original).

Quando reexaminou a prova de Rorschach no aprofundado estudo de 1957, Piotrowski¹⁸ consagrou extensas considerações à categoria *m* (págs. 206-226), nosso *m'*: “Para qualificar-se como *m*, a resposta há de preencher os seguintes requisitos: (1) é necessário que descreva um objeto inanimado, inorgânico e insensível, sólido, líquido ou gasoso, seja em movimento, seja em estado de impedimento ativo de movimento; (2) a fonte do movimento terá de ser extrínseca ao objeto; (3) a resposta há de ser acompanhada de uma sensação de tensão muscular” (pág. 207).

* P, com que anotamos pormenor primário, corresponde a D dos demais autores. A numeração que usamos segue a tabela de Beck*.

Comentando o sistema de notação de Klopfer, diz Piotrowski¹⁸: “A definição do significado de *m* feita por Klopfer em 1954, bem como à de 1942, falta especificidade. Ela se aplica da mesma fórmula a vários outros componentes, mais marcadamente aos choques cromático e de sombreado, os quais se manifestam pelo retardo ou por longas pausas na interpretação dos borrões” (pág. 215).

Igualmente fazem restrições a Klopfer não só em referência às subdivisões de *m* porém em relação ao critério, demasiado liberal, Alcock¹, Ames e col.², Beizmann⁴, Endara⁸. Nossa objeção pessoal à maneira de Klopfer considerar e classificar o tipo de resposta em foco, abrange os dois aspectos da avaliação — concepção e critério — e por motivos em parte diversos do que é apresentado pelos citados autores.

Em nossa primeira exposição sobre a prova de Rorschach, em 1943²¹, e depois em aulas a partir de 1945, temos feito notar que a inovação de Klopfer pode ser considerada como precisando e tornando explícito o tratamento do próprio criador do método para com o determinante “movimento”. Cumpria, porém, para isto, levar em conta a implicação psicológica do fator em causa, como de resto o de todos os componentes da prova. E as publicações ulteriores, de Klopfer e col.^{12, 13} vieram mostrar que realmente aqueles autores se apoiavam na avaliação sobre a justeza ou a inadaptação entre o enunciado do probando e a mancha interpretada. A isto atribuímos a multiplicidade de categorias — *m*, *mF*, *Fm*, principais ou como fator acessório — bem como a própria denominação “movimento inanimado”. Em segundo lugar, divergimos de Klopfer por não aceitarmos como “movimento” expressões fisionômicas nem descrição de estados emocionais, nem movimentação de segmento por pessoa ou por animal sub-humano. Por outro lado — nisto dissentimos de Piotrowski¹⁷⁻¹⁹ — admitimos classificar tal fator em relação à figura animal e à figura humana. Neste particular, veio coincidir com nosso critério o da classificação de Klopfer^{12, 13}, embora por motivo inteiramente distinto. Dessa maneira, nossa concepção de “movimento” no nível aqui focalizado difere da de Klopfer pelo número de instâncias aí consideradas e pelo critério de apuração.

Quanto à condição básica e imprescindível para qualificar o determinante agora em pauta, é a que postulavam para *M* tanto Rorschach²⁰ (*a*, págs. 25-27; *b*, 12-15; *c*, 28-30), como Beck³ e Bohm⁵, ou a que exige Piotrowski¹⁸ também para *m*, segundo a citação de há pouco (item 3, pág. 207). É necessário, pois, que a percepção da manobra leve o examinando a sentir tensão muscular, que a associação se faça espontânea; e que seja confirmada pelo inquirido, ou então que este evidencie que tal sensação estava implícita na resposta respectiva. Para a nossa categoria *m'*, além disso, é indispensável que o movimento assim projetado decorra da maneira *subjetiva* de interpretar a mancha: ou não existem formas em jôgo, ou o “movimento” não deriva diretamente do elemento formal, embora o conteúdo projetado possa resultar deste. Foi essa, aliás, a situação psicológica que Rorschach descreveu ao analisar às cegas o protocolo confiado por Oberholzer²⁰ (*a*, págs. 197-199; *b*, 210-214; *c*, 190-192). Por isso designamos a essa reação como “emprêgo

subjetivo de movimento”, e não como “movimento de seres inanimados”, o qual representa apenas um aspecto particular desta categoria: ela pode reportar-se também à figura humana ou à de animais sub-humanos, nas condições acima referidas.

Não basta, pois, para classificar *m'* de nossa notação, que o enunciado da resposta sugira estar em causa o determinante: como acontece no caso de “movimento” pròpriamente, humano ou animal, poderá a elocução do probando corresponder a simples associações ideativas. Todos os autores, inclusive Klopfer e col.¹³, o reconhecem. Ademais, uma vez que está em jôgo o subjetivismo, a menção da mancha pode corresponder a mera fabulação e não a resposta classificável. Neste caso, o fenômeno *fabulação* deve ser anotado à margem, pois não caberia apuração de resposta. Alguns exemplos de nosso material, começando por esta última ocorrência, permitirão apresentar objetivamente nossa maneira de considerar. Para abreviar, reduzimos os dados do inquérito, embora respeitando a elocução do examinando; e omitimos o número de ordem da resposta em cada protocolo, bem como outros esclarecimentos.

De um protocolo (N.º 98, 7-3-1944) com diversas fabulações e com 4 vêzes o fator *m'*, além de uma em que êste foi elemento adicional, tomamos as seguintes associações:

Prancha II — “São dois indivíduos perversos, fazendo um despacho de macumba (P 6). Aqui êsses vermelhos (P 2) são o pensamento dêles que sai da cabeça, só maldade”. O inquérito confirmou a cinestesia em relação a P 6, e simples fabulação quanto a P 2. Classificamos: *P M H (Fab.)*.

Protocolo 758 (R = 54; *m'* = 2)*:

Prancha VIII — “Também podia ser... mas é absurdo: É como se isto (P 2) estivesse equilibrado, com ponto de apoio só aqui (os dois P 1) e pendurado só ali em cima (p 29)”. *I: acentua a sensação de instabilidade e de desconforto*. Classificamos *P m' ab*.

Protocolo 1006 (R = 42; *m'* = 2):

Prancha III — “... (gira a prancha várias vêzes; meneia a cabeça). Talvez... Parece uma cena de cinema: dois gênios (P 6 + P 11) saindo de alguma coisa (P 8). Saindo da fumaça... meio pássaro, meio gente”. *I: Pernas em p 30. “São fumaça, com o vento levando ao mesmo tempo em que se vão formando. Mais pessoa, que pássaro”*. Desdobramos em *P F- H*, e *P m' (I') ab*;

Prancha IX — “... (bórdô superior à direita). As manchas verdes aqui (P 1), parecem um homem em cima de uma motocicleta... Querendo subir uma encosta (P 3)... uma estrada de terra, sabe? Depois de uma chuva...”. *I: “Terra pela côr avermelhada: quando molha, fica escorregadia (contraste mais escuro do marron)”*. Desdobramos em *P F+ H* e *P CF(m') ggr*;

“Isto aqui (P 6), alguma coisa segurando a motocicleta [alusão à R imediatamente precedente]. Agora, não sei dizer o que é... (espontaneamente)”. *I: “Impede que suba: não é o barro que não deixa subir, mas alguma coisa que segura (espontaneamente)”*: *P m' ab*.

* R = resposta(s); I = dados do inquérito; I² = dados de novo inquérito, após concluído o primeiro, e relativo a questões que ainda ficavam em dúvida; p, para pormenor secundário = Dd ou d das notações em geral; V = R vulgar. Para V, para F+ e para F-, usamos as tabelas de Beck³.

Todos os fragmentos de protocolo são reproduzidos literalmente. As explicações entre colchetes são desta transcrição apenas. Grifadas as informações do inquérito.

Protocolo 1166 (R = 84; m' = 3+1):

Prancha VIII — "... Alguma coisa se abrindo (os dois P 5), mas ainda presa por ligamentos (P 3); não sei o que". I: "*É uma coisa que eu senti, como se estivesse acontecendo (espontaneamente)*". P m' ab.

Protocolo 1167 (R = 80; m' = 4):

Prancha VII — "... (torna a inverter). O conjunto é como se fôsse uma construção, mas em equilíbrio (G)". I: "*Apoiada só aqui (os dois P 5). A sensação é de equilíbrio*". G m' ab;

Prancha VIII — "... (bórdio superior à esquerda). E... aqui vejo o seguinte: esta parte (P 4 + P 5) quer ir para lá (à esquerda), e esta parte (P 6, P 7) quer ir para cá (à direita), e segura. Vejo muito esforço aqui dentro. Isto (p 29), impede que a outra parte vá para lá". I: *descreve a sensação já mencionada*. P m' ab;

Prancha X — "Este bicho e este (os dois P 7) estão arremetendo contra esta fôrma (P 9) e agredindo. Dá impressão de que é na água, que não têm peso". I: "*Dá impressão nítida de estar flutuando*". Desdobramos em P m A, e P m' ab.

Protocolo 1169 (R = 36; m' = 2):

[Paciente sujeita a fenômenos de automatismo mental verbal auditivo, ao qual denomina "voz interior"; perfeitamente íntegra quanto aos demais aspectos mentais].

Prancha III — "... Aqui significa a paz (P 3), aqui a morte (P 2). Isso sou eu que digo [em alusão a automatismo mental auditivo]". (Fabulação? R?) I [feito imediatamente, por exceção]: *acentua que P 3 é muito importante, "como paz"*. I² [em condições regulares, a respeito de P 3]: *Para mim, o Sr. diz? Para mim é a paz, porque é uma fôrça que atrai os tais "palhacinhos" (alusão à R seguinte)*". P m' ab;

"Agora a voz interior: folguedos, outra vez; danças, como se fossem palhacinhos saltitando (P 1). Agora, para mim, estão segurando juntos estas coisas (P 7)". P M H V;

Prancha VIII — "... (invertida). Aqui puxa para este lado, aqui para outro (os dois P 1). Quem não puder resistir vai caindo para cá (P 8)". (Fabulação? R?) I: *Eu sinto que é uma fôrça que está atraindo, como se eu estivesse ali (espontaneamente)*". P m' ab.

Respostas cinestéticas dessa ordem haviam já sido registradas no Psychodiagnostik, conforme as citações de há pouco — de conteúdo abstrato — e os enunciados que a seguir mencionamos, de conteúdos outros. Ainda na análise do caso Rorschach-Oberholzer, embora não houvesse sido arrolada no inciso "c) Die Abstracta", temos a seguinte associação, que está apurada como F+:

Prancha X ... 9. "... e atrás dêle, como um esquilincho que quizesse segui-lo, impertigado, ainda sentado nestes ramos (esquilo, a parte mais clara do azul lateral; ramos, os prolongamentos laterais [isto é, em P 1, o p 28 e o p 27, respectivamente]: Dd F+ T O" (a, pág. 199). Os parênteses e a classificação estão no texto originário; O significa conteúdo original. A explicação entre colchetes é nossa, bem como a numeração dos pormenores segundo a tabela de Beck²⁰)

Pessoalmente, classificariamos tal resposta como p m' A, ou como P F+ (m) A, na dependência do inquérito, que aí não coube a Rorschach.

No próprio texto da 1.ª edição do Psychodiagnostik, de 1921, colhemos as instâncias que se seguem, aqui traduzidas da edição póstuma — capítulo V inciso 6., *Exemplos (a, págs. 134-189; b, 136-199; c, 123-182)*²⁰:

N.º 12, antes de psicanálise:

"Prancha I. (de lado: borrifos isolados) — 'Explosões de granada' [24] Dd F+ Obj." Pessoalmente, assinalariamos aí talvez p m' ab, ou p F+(m') ml;

“(parte média) — ‘Gato prestes a saltar’ [P 10] *D F- T Orig.*”: para nós, seria possivelmente *P m' A*.

Do mesmo examinando, após 5 meses de tratamento psicanalítico:

“Prancha II. — ‘Uma lâmpada de petróleo que explode’ *G FbF+ Obj*”: comportaria, segundo depreendemos da experiência ulterior do próprio criador do método, a seguinte apuração nossa, com desdobramento: *GE F+ obj*, e *P CF(m') ab*, dependente de inquérito;

“X. (denteado azul) — ‘Mulher que foge espavorida dali, ou, vista de outra maneira, que cai de costas’ *Dd B+ M Orig.+*”: corresponderia, provavelmente, à seguinte notação, desdobrada: [p 28, esquerdo] *p M H*, e *p m' ab*;

N.º 13, “IX. — “duas serpentes, que têm de se retirar (cabeças de cavalo) [ou seja, P 2]’ *Dd F+ Td*: passaria para *P m' A*, ou para *P F+(m') A*.

Dêste mesmo exemplo, ainda, tomamos a seguinte resposta que em nosso entender envolve duas situações psicológicas distintas entre si:

“III. — ‘Dois palhaços que lutam entre si, mas há qualquer coisa de permeio — a figura do meio (a mancha vermelha); eles não podem reunir-se’ *G B+ M*”.

A sensação de impedimento, da segunda parte da elocução, exigiria representação na resposta, a qual na realidade se reporta a P 1, os palhaços, e a P 3, algo de permeio, que os impede. Donde, para nós, as duas apurações que nesse caso traduziriam o complexo dinamismo psicológico: *P M H V*, e *P m' ab*.

Conquanto na publicação originária não haja menção do determinante em causa — os psicogramas de *Exemplos* não trazem a elaboração mas apenas os protocolos em cada caso —, Rorschach se refere explicitamente a essa categoria no trecho transcrito da página 27 (*b*, 14; *c*, 30)^{20-a}. E verificamos que aí se situam dois tipos desse dinamismo psicológico a que chamamos “emprego subjetivo de movimento”: um, no qual se projeta a atividade em entidade abstrata, outro em que tal projeção subjetiva se reporta a seres sub-humanos ou a figuras humanas. Acreditamos que essa duplicidade, reconhecida por Klopfer, por Piotrowski e pelos demais autores, de modo geral, não decorre do acaso, mas da própria dinâmica da personalidade. Vejamo-lo em breves considerações.

Segundo a teoria que adotamos sobre a personalidade, o contacto intelectual com a realidade, em termos de psicologia genética, se processa pela mediação da esfera conativa, embora decorra necessariamente do interesse afetivo. E como a conação rege fundamentalmente a atividade explícita, esta dependente da motilidade, toda e qualquer noção — quer quanto ao mundo objetivo, quer referente à própria unidade subjetiva — envolve um registro de componente motor. Parece-nos que a este dinamismo particular se reduziria o “elemento estabilizador” na acepção de Rorschach, ou “sofropsíquico” na de Binder. Vale dizer que na adaptação continua à realidade durante a evolução individual, toda percepção e todo esboço de concepção relativa ao mundo ambiente vêm impregnados de emoção, e se unem à sensibilidade na esfera sensorial da musculação, à cinestesia na terminologia de Rorschach.

Logo de início, como imperativo da maturação psicológica, as concepções quaisquer — idéias ou pensamentos — vão passando gradativamente para o plano abstrato, e assim a fase racional ou abstrata do trabalho mental assume a primazia no contacto com o ambiente, substituindo afinal a tomada pré-

-lógica de consciência. A partir desta fase evolutiva, portanto, a idealização do mundo e do próprio indivíduo vai perdendo a conotação afetivo-emocional. Só perante estímulos intensamente emotivos se despertam então no adulto, e na criança ante intensidade proporcionalmente menor, reminiscências da fase pré-lógica, fetichica, porisso chamada “mágica”. Em condições habituais ou de estímulo moderado permanecerão elas como ressonância vaga, a qual não atinge a vivacidade das noções conscientes.

A prova de Rorschach exige, como condição de aplicabilidade, que o examinando tenha pelo menos iniciado a fase de predomínio da abstração. Assim, genêticamente, é de esperar-se que a projeção de si próprio, propiciada pelo estímulo perceptivo, se faça em termos de autonomia e autoafirmação (*M*), no adulto — ou na criança mais evolvida, especialmente no período em que prevalecem as noções de si mesma em função do mundo externo. No tracto de tempo mais próximo da fase pré-lógica, a expectativa teórica é de que predominem aí interpretações mais emocionais, em que a identificação se faz com “semoventes” (*m* da nossa notação). E de fato os psicogramas referentes a grupos infantis — estudos de Ames e col.², de Beizmann⁴, de Ford⁹, de Halpern¹⁰, de Loosli-Usteri¹⁴, de Meili-Dworetzki¹⁵, confirmam essas situações psicológicas relativas, entre *m* e *M*.

Por outro lado, a noção abstrata de movimento pressupõe as necessidades sociais de refreiar os impulsos, bem como o reconhecimento das limitações e da incapacidade em liberar diferentes tendências. Por definição, só pode surgir quando se estabelecem plenamente a noção lógica do mundo e a do próprio indivíduo como integrante do meio objetivo. Porisso, sômente quando a evolução psicológica houver atingido aquê nível poderá a criança associar ao homem ou a animal sub-humano a idéia de refreio, de bloqueio, de atividade em intenção apenas. Em termos da prova de Rorschach, só então *M* ou *m* poderão passar para o nível de *m'*, do nosso sistema de notação. Em consequência, é de se prever, teoricamente, que nos vários grupos de crianças o protocolo de Rorschach apresente só raramente o nosso fator *m'*, diversamente do que ocorre com *m* e com *M*. Realmente êste aspecto também se vê confirmado pela experimentação com a prova, na exposição de todos os autores há pouco citados: é característica geral em todos os relatos a escassês de *m*, nossa categoria *m'*. Ames e cols.², que o pesquisaram em 650 crianças, dizem a respeito: “O total de *m* por idade vai do limite inferior de 2 *m* aos 2 anos, até o máximo de 41 aos 7 anos, passando a 18 aos 10 anos”... “Assim, considerando sômente *m*, em idade alguma existe a ocorrência de sequer 1 *m* por criança, embora o grupo de 7 anos chegue próximo desta cifra” (pág. 74). Disposição perfeitamente comparável a essa encontramos na Tabela 7 de Ford, referente a 113 menores entre 3 anos e 7 anos e 11 meses (pág. 48)⁹. Confrontando a incidência percentual de *kob*, equivalente a nosso *m'*, em relação ao total de respostas, no conjunto de 400 crianças — por grupos, de 2 anos e 9 meses até 10 anos, Beizmann⁴ comenta êsse mesmo fenômeno: “A cinestesia de objeto ou de “força natural”, exige igualmente uma identificação com o movimento que lhe é emprestado. Essa espécie de resposta é relativamente

rara e aparece muito tardiamente na criança" (pág. 186). No quadro XV — à página 190 —, em que se confrontam tôdas as categorias "movimento" nos 9 grupos de idade, ressalta-se tal peculiaridade.

Finalmente, lembremos duas autoras que apresentam considerações de psicologia genética análogas às nossas, com relação ao fator em aprêço. Meili-Dworetzki observa a raridade da ocorrência: "A distinção entre movimento visto em seres humanos, em outras criaturas vivas, ou em objetos, é sugerida não só pela observação direta dos casos, mas também pelo ponto de vista genético. A categoria m , de acôrdo com o sistema de Klopfer, aparece sem relação alguma com a idade, e como antes rara em tôdas as idades" (pág. 158)¹⁵. Ao comentar a escassês de "movimento" como determinante nos protocolos infantis, aduz em outro passo:

"Essas conclusões levam à suposição de que a falta de M no psicograma de Rorschach tem como motivos: 1. O caráter esquemático e não diferenciado da imagem infantil do homem e do próprio corpo; 2. A limitada autonomia das imagens da criança, a qual só as pode reviver em ligação com a própria experiência total e mediante a ação.

"A tendência para a diferenciação do desenvolvimento não se aplica só a figuras. Pode ser evidenciada no próprio desenvolvimento dos movimentos. No início, vemos particularmente respostas que incorporam atividades físicas, como de objetos que caem, que voam, que explodem, de forças naturais, ou de animais. Mas mesmo em respostas de seres humanos (por exemplo, à Prancha III), o desenvolvimento parte do movimento linear para o tipo mais complexo, baseado em imagem mais articulada do corpo" (pág. 168)¹⁵.

Halpern¹⁰ expende considerações que se superpõem às nossas quase exatamente, em respeito à equivalência psicológica entre m' de nosso sistema, e M : "O fato de tal tipo de interiorização (M) de esperanças, desejos e sonhos ocorrer raramente entre os dois anos e meio e os três e meio, não surpreende. Ainda uma vez, tal tratamento das aspirações e dos desejos somente pode aparecer quando o indivíduo forma algum conceito de si próprio como entidade à parte do resto do mundo, do mesmo passo que toma consciência de que a liberação direta de tais emoções no ambiente é indesejável e inaceitável." ... "Na fase inicial desse processo, ou seja entre dois anos e meio e três anos, qualquer interiorização ou simbolização que se verifique tem tanta probabilidade de ocorrer em termos de objetos inanimados quanto de corresponder a seres animados. A afinidade que a criança sente para com as fórmulas mais simples e primitivas de vida, é, provavelmente, da mesma grandeza, senão maior, que para com as mais complexas. Nesse sentido, as respostas Fm , FM e M que as crianças até 4 anos produzem, poderiam ser somadas entre si para indicar a extensão em que estas podem, e conseguem, interiorizar a própria experiência" (pág. 26).

Parece-nos, assim, justificada a aceção de "emprêgo subjetivo de movimento". Em vez de evocar, diante da mancha, qualquer atividade motora explícita de seres humanos ou de animais não antropóides, ou então de con-

siderar nela apenas as formas correspondentes, o probando projeta aí sensações cinestéticas que não se vinculam especificamente às formas percebidas. São intenções, são referências à incapacidade de ação, ou à preparação subjetiva da execução interpretada, são ainda atividades de elementos da natureza a agir sobre os seres ou sobre os fenômenos correspondentes. Dessa maneira, tal evocação cinética pode aplicar-se indiferentemente a seres autônomos quaisquer, a elementos inativos, ou a entidades abstratas.

Como todos os autores reconhecem, tal tipo de resposta significa que determinadas experiências emocionais, relegadas ao plano de elementos latentes pela atividade lógica, afloram ao nível da expressão verbal. Ao que nos parece, o tipo da atividade mencionada — humana, sub-humana, ou abstrata — traduz a fase de amadurecimento da personalidade a que se ligam as reações emotivas em causa: a de socialização das atividades, a de início do processo de abstração como contacto com o ambiente, a de pesamento pré-lógico ainda impregnado de afetividade. Tal dinamismo, porém, não implica necessariamente qualquer anormalidade. Poderá representar reação emocional de fuga às situações difíceis. Mas poderá igualmente exprimir apenas tendência para a auto-observação, para o devaneio, ou flexibilidade mental; ou ainda traduzir aspirações, tanto quanto necessidade de compensar sentimento de frustração. Tanto o próprio Rorschach — na publicação póstuma (págs. 193-227)^{20-a} — quanto Piotrowski, que admiravelmente reavaliou os elementos da prova (págs. 206-216)¹⁸, acentuam este sentido positivo do fator em discussão.

Pelo aspecto prático de avaliação da personalidade, desejamos frisar que nossa maneira de apreciar m' faz com que classifiquemos nessa categoria fatores que seriam considerados M pelo próprio Rorschach e pelos demais autores, bem como FM , ou equivalentes, pelos que seguem o sistema de Klopfer e de Piotrowski. Todavia, a própria discordância do probando em utilizar o valor m' de nossa notação, onde os demais protocolos registrariam M ou m , adquire sentido especial como indicador de estados subjetivos. E como avaliamos em m' o grau de energia segundo a escala de Piotrowski¹⁸, inferimos também aí outras implicações que nos parecem relevantes para a síntese diagnóstica.

RESUMO

Julgamos oportuna e necessária a diferenciação de fatores “movimento” efetuada por Klopfer, entre os quais a categoria a que denominou “movimento inanimado”, como integrante do grupo “movimentos menores”. O significado particular de semelhantes fatores foi claramente acentuado por Piotrowski quando redefiniu todos os elementos psicodiagnósticos. E acreditamos que o próprio Rorschach faria essa diversificação de determinantes.

Pessoalmente, utilizamos a categoria m de Klopfer e de Piotrowski de modo algo diverso. Por um lado, não incluímos aí máscara, nem mímica expressiva, nem expressões emocionais, nem movimentos parciais. Por outro, classificamos nesse grupo movimento humano ou de animal, toda vez que não resulte diretamente da configuração da mancha como elemento formal, mas

da reação subjetiva do examinando ante a cinestesia percebida. Como condição básica para a classificação, é indispensável que esteja clara a sensação de tensão muscular — como é exigido desde Rorschach para M ; e como traço comum a todas as interpretações da rubrica — sejam abstrações, sejam seres inanimados: (a) intenção, bloqueio, incapacidade, por exemplo, ou (b) atividade de elementos da natureza. Devido a êsse caráter subjetivo, anotamos m' em vez de m .

Essas duas maneiras (a) e (b) de o probando interpretar movimento, já encontramos em Rorschach, respectivamente nos *Exemplos* do Psychodiagnostik e da *Contribuição* póstuma. E tanto uma como outra podem decorrer, em última análise, quer de fuga ante estímulos emocionais, quer de capacidade mental muito elevada.

S U M M A R Y

Our m' determinant in the Rorschach's test, enlarging and restricting "inanimate movement" score

Klopfer's differentiation of movement scores, among which "inanimate movement" integrating the "minor movements" group, was no doubt opportune and needed. Their peculiar meaning has been clearly stressed and enriched by Piotrowski in his reformulation of Rorschach variables. It is our belief that Rorschach himself would take such step.

Our criteria for scoring this determinant are somewhat different of both Klopfer's and Piotrowski's. On the one hand, masks, facial traits, emotional expressions, body parts in motion are not entered there. On the other, we score as such human or animal movement, provided this does not originate in the blot shape directly, but in the subjective reaction against the sensed muscular tension. Basic requirement for this scoring is the kinesthetic component, as for M ever since Rorschach's elaboration; and common trait distinctive for any response to be so scored — be it an abstraction, an inanimate object, an animal or human being — must be the subjective way of feeling the movement: (a) intention, blocking, struggle for achieving, for instance, or (b) activity of nature elements. Due to this subjective meaning we use the symbol m' instead of m for this category.

We already find these two kinds (a) and (b) of movement responses in Rorschach's text, respectively in the *Examples* and in his posthumous *Contribution*. Either may point to a flight from emotional stress or to outstanding mental ability.

R E F E R Ê N C I A S

1. ALCOCK, T. — The Rorschach in Practice. Tavistock Publications, London, 1963.
2. AMES, L. B.; LEARNED, J.; METRAUX, R. & WALKER, R. N. — Child Rorschach Responses. Hoeber, New York, 1952.
3. BECK, S. J.; BECK, A. G.; LEVITT, E. E. & MOLISH, H. B. — Rorschach's Test. Vol. 1, 3.^a ed.. Grune & Stratton, New York, 1961.

4. BEIZMANN, C. — Le Rorschach chez l'Enfant de 3 à 10 Ans. Delachaux & Niestlé, Neuchatel, 1961.
5. BOHM, E. — Lehrbuch der Rorschach-Psychodiagnostik. Huber, Bern, 1951.
6. CERQUEIRA, L. — Psicodiagnóstico de Rorschach. Tipografia Moderna, Salvador (Bahia), 1945.
7. ENDARA, J. — Psicodiagnóstico de Rorschach. Casa de la Cultura Ecuatoriana, Quito, 1954.
8. ENDARA, J. — Test de Rorschach. Evolucion y Estado Actual. Casa de la Cultura Ecuatoriana, Quito, 1964.
9. FORD, M. — The Application of the Rorschach Test to Young Children. University of Minnesota Press, Minneapolis, 1946.
10. HALPERN, F. — A Clinical Approach to Children's Rorschach. Grune & Stratton, New York, 1953.
11. KLOPFER, B. & KELLEY, D. M. — a) The Rorschach Technique. World Book Co., Yonkers-Hudson, 1942. b) Técnica del Psicodiagnóstico de Rorschach (trad. D. Carnelli). Editorial Paidós, Buenos Aires, 1952.
12. KLOPFER, B.; AINSWORTH, M. D.; KLOPFER, W. G. & HOLT, R. R. — Developments in the Rorschach Technique, Vol. 1: Technique and Theory. World Book Co., Yonkers-on-Hudson, 1954.
13. KLOPFER, B. & OTHERS — Developments in the Rorschach Technique. Vol. 2: Fields of Application. World Book Co., Yonkers-on-Hudson, 1956.
14. LOOSLI-USTERI, M. — Manuel Pratique du Test de Rorschach. Hermann, Paris, 1958.
15. MEILI-DWORETZKI, G. — The Development of Perception in the Rorschach. *In* KLOPFER, B. & OTHERS¹³, págs. 104-176.
16. MONNIER, M. — La technique actuelle du test psychodiagnostique de Rorschach. *Annales Méd.-Psychol.* 96:15, 1938.
17. PIOTROWSKI, Z. A. — A Rorschach compendium, revised and enlarged. *Psychiat. Quart.* 24:543, 1950.
18. PIOTROWSKI, Z. A. — Perceptanalysis. McMillan, New York, 1957.
19. PIOTROWSKI, Z. A. — The Movement Score. *In* RICKERS-OVSIANKINA, M. A. ed.: Rorschach Psychology. Wiley, New York, 1960.
20. RORSCHACH, H. — a) Psychodiagnostik, 2. Aufl., herausgeg. von W. Morgenthaler. Huber, Bern, 1932. b) Psychodiagnostic (trad. A. Ombredane et A. Landau). PUF, Paris, 1947. c) Psicodiagnóstico (trad. L. Rosenthal). Editorial Paidós, Buenos Aires, 1948.
21. SILVEIRA, A. — Contribuição para os símbolos e o protocolo no método de Rorschach. *Rev. Neurol. Psiquiat. São Paulo* 10:158, 1943.
22. SILVEIRA, A. — Método de Rorschach: terminologia e critério. *Arq. Assist. Psicopatias de São Paulo*, 27:5, 1963.
23. SILVEIRA, A. — Prova de Rorschach: Elaboração do Psicograma. *Tip. Edanee*, São Paulo, 1964.
24. SOUSA, C. C. — O Método de Rorschach. Editora Nacional, São Paulo, 1953.

Departamento de Psiquiatria — Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas — Caixa Postal 1170 — 13100 Campinas SP — Brasil.